

IMAGENS DE GÊNERO E DA JUSTIÇA NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS – POSSÍVEIS ESTUDOS NO CURRÍCULO ESCOLAR

FABIANA LOPES DE SOUZA¹; MARIA CECILIA LOREA LEITE²

¹Universidade Federal de Pelotas – fabiana.lopess2013@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mclleite@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto relata uma pesquisa em andamento, a qual objetiva investigar as concepções dos professores de Artes Visuais de escolas públicas quanto às imagens da justiça e as relações de gênero no currículo escolar.

Serão coletados dados a partir de entrevistas semiestruturadas, diários de campo e realização de desenhos que serão produzidos por professores de Artes Visuais atuantes em Escolas Públicas de Ensino Fundamental. As imagens produzidas pelos docentes serão analisadas a partir do Método documentário de Interpretação, proposto por Ralf Bohnsack, visto que o autor destaca a importância do tratamento das imagens no âmbito da pesquisa qualitativa.

Para embasar a pesquisa, utilizo ainda as referências de Hernández (2000; 2007), Louro (2014), Silva (2000; 2007), entre outros autores.

Os estudos referentes à cultura visual nas artes vão além das visualidades artísticas, procurando investigar também as imagens produzidas pela mídia e todas as provenientes da vida cotidiana.

De acordo com Fischman e Sales, o ato físico de ver a multiplicidade de materiais visuais

aos quais os cidadãos [contemporâneos] estão expostos requer não apenas interpretar, classificar, decodificar e recordar, mas também ignorar e esquecer a maior parte deles. Consumir e descartar imagens é parte crucial de nossas experiências visuais cotidianas, inclusive nas escolas. As instituições educativas operam de acordo com as culturas visuais explícitas e implícitas que estão inscritas nas posições ideológicas, espaciais e temporais dos produtores e consumidores de imagens e nos processos culturais que permitem tanto manifestações visíveis quanto aquelas consideradas invisíveis para se tornarem inteligíveis (FISCHMAN; SALES, 2014, p 426).

Dentro e fora da escola, estudantes e professores estão expostos as mais variadas formas de visualidades seja pelos programas de TV, internet, vídeo games, propagandas publicitárias, entre outras.

Hernández (2000) chama a atenção para a importância da decodificação de símbolos e signos presentes nas imagens da cultura visual e o quanto o estudo das mesmas podem auxiliar os indivíduos a terem uma melhor percepção sobre si mesmos e sobre o mundo em que estão inseridos. Segundo o autor, a cultura visual contribui

para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos [...] (HERNÁNDEZ, 2000, p.52).

Uma educação baseada nas imagens da cultura visual deve levar em conta as experiências visuais dos estudantes, ajudando-os na compreensão destas

visualidades sem interferir nas suas preferências e gostos por determinados objetos e/ou artefatos visuais.

De acordo com Hernández, o propósito da compreensão crítica

e performativa da cultura visual é procurar não destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas “explorá-lo para encontrar novas e diferentes formas de desfrute”, oferecendo aos alunos possibilidades para outras leituras e produções de “textos”, de imagens e de artefatos (HERNÁNDEZ, 2007, p.71).

O professor de Artes Visuais será mediador e provocador no processo educativo com o estudo das imagens da cultura visual, ajudando o aluno a adquirir novos conhecimentos, podendo este atribuir novos sentidos e significados às visualidades presentes na vida cotidiana.

Para Hernández (2007, p.25), “[e]m um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências críticas reflexivas”. Além do estudo das imagens da cultura visual contemporânea nas aulas de Artes Visuais, os estudantes poderão compreender o quanto estas imagens podem influenciá-los sobre seus comportamentos e na construção de suas identidades.

A construção das identidades femininas e masculinas acontecem a partir das relações, representações e práticas sociais, com isso, o conceito de gênero “[...] passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (LOURO, 2014, p.27).

Em relação à construção escolar das diferenças, Louro discute como a escola produz as diferenças e desigualdades entre os sujeitos, classificando-os de uma maneira hierárquica.

A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2014, p.61).

A escola institui modelos, maneiras de ser e estar em seu espaço, demarcando diferenças. Tudo o que a escola apresenta aos sujeitos acaba produzindo múltiplos sentidos para os mesmos, por isso de acordo com Louro, os sentidos

precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças (LOURO, 2014, p. 63).

É preciso estar atento e perceber cada detalhe do cotidiano escolar, mesmo assim cada pessoa terá um olhar e uma maneira diferente de estabelecer sentidos ao que foi percebido ou experienciado por ela.

A escola tem um papel fundamental na troca e produção de conhecimentos, com isso não é possível pensar um currículo escolar neutro das representações e reproduções sociais e culturais. O currículo é considerado

um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história, de uma

produção contextual. O currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada do conhecimento social. O currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares. O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação (SILVA, 2000, p.7-8).

A escola atua na produção de conhecimentos e na criação de significados sociais e culturais, dentre outros; e o currículo escolar está envolvido nestas ações, especialmente, nas relações de poder que demarcam as diferenças sociais, implicando na construção de identidades individuais, femininas e masculinas.

2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa terá uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso.

Para esta pesquisa, serão coletados dados a partir de entrevistas semiestruturadas, diários de campo e desenhos a serem produzidos por professores de Artes Visuais, atuantes em escolas de ensino fundamental. Estes dados serão analisados e fundamentados a partir do referencial teórico proposto.

A produção dos desenhos será realizada por professores de Artes Visuais de escolas públicas, com base no tema proposto “Gênero e justiça”, com o objetivo de compreender suas concepções, a partir do entrecruzamento dos mencionados temas com o currículo escolar.

Para a análise destas imagens, será utilizado o método documentário de interpretação de Ralf Bohnsack, originado a partir do “[...] acesso metodológico à compreensão preconceptual ou 'ateórica' [...] introduzido, nos anos 1920, pela iconologia de Erwin Panofsky e pelo seu contemporâneo Karl Mannheim” (BOHNSACK, 2007, p.311).

No método documentário, a interpretação da imagem deve ser iniciada num estágio anterior ao nível iconográfico, ou seja, no nível pré-iconográfico, situado na análise da estrutura formal da imagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

É necessário ressaltar que a presente pesquisa encontra-se em fase de levantamento bibliográfico. Apresento, portanto, uma busca em artigos que subsidiam meu trabalho.

Neves e Leite (2017), Leite (2014) e Alves (2014) abordam temas sobre imagens, currículo e métodos de interpretação de imagens.

Abreu (2015) e Loponte (2002) tratam sobre as questões referentes ao ensino de Artes Visuais, cultura visual e gênero.

Além dos textos e artigos, fiz uma busca também por artistas contemporâneas brasileiras, que tratam de questões sociais e de gênero em suas obras.

4. CONCLUSÕES

As imagens são produtoras de sentido e fazem parte da vida das pessoas e do cotidiano escolar.

Além da relevância dos estudos das análises de imagens e suas formas de representação, a presente pesquisa torna-se fundamental aos estudos referentes a gênero, currículo e educação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Carla de. Imagens que não afetam: questões de gênero no ensino da arte desde a perspectiva crítica feminista e da cultura visual. In: **24 Encontro da Anpap**. Santa Maria. 2015. p. 3927-3942. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s12/carla_de_abreu.pdf Acesso em: 02 out. 2017.

ALVES, Nilda. Imagens e Currículos. In: LEITE, Maria Cecília Lorea (Org.) **Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 241-257.

BOHNSACK, Ralf. **A interpretação de imagens e o método documentário. Sociologias**. Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 286-311, jun./dez. 2007.

FISCHMAN, Gustavo E; SALES, Sandra R. *Iconoclash: reflexões sobre cultura visual e pesquisas em Educação. Educação*. Porto Alegre. v. 37, nº 3, p. 423-432, 2014.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual – Mudança Educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual** – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LEITE, Maria Cecília Lorea. Imagens da Justiça, currículo e pedagogia jurídica. In: LEITE, Maria Cecília Lorea (Org.) **Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica**. Porto Alegre: Sulina, 2014.p.15-57.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas** [online]. 2002, vol.10, n.2, p.283-300.

NEVES, Rita de Araújo; LEITE, Maria Cecília Lorea. Aplicando o Método Documentário de interpretação de imagens na análise de uma charge. In: **Anais do VI Encontro Nacional de Estudos da Imagem [e do] III Encontro Internacional de Estudos da Imagem** [livro eletrônico] / André Luiz Marcondes Pelegrinelli, Pamela Wanessa Godoi (orgs.). – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. p. 99-116.

SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Flávio Antônio (org.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. Trad. Maria Aparecida Baptista. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2000.